

ADAPTAÇÕES PARA ESTUDANTES COM BAIXA VISÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Eliana Leite Assis Figueiredo¹
Gabrielle de Oliveira Camacho²
Patrícia Ignácio da Rosa³
João Ricardo Melo Figueiredo⁴

RESUMO

A Educação Infantil é a etapa, da Educação Básica, onde o estudante inicia o processo de construção de sua trajetória no cotidiano da escola. O mundo contemporâneo parece privilegiar o sentido da visão o que nos permite alguns questionamentos relacionados aos estudantes com deficiência visual. Se considerarmos o universo das pessoas com baixa visão, ou seja, dos estudantes que possuem algum resíduo visual que pode ser aproveitado para o planejamento e execução de tarefas, como fazer para tornar os primeiros passos na Educação Básica acessíveis? Na Educação Infantil, aprende-se a compreender o corpo, o potencial cognitivo, e a refinar diversos processos cognitivos. Com o sentido da visão severamente prejudicado adaptações terão de ser feitas para que o desenvolvimento do sujeito possa acontecer. Assim, a partir de pesquisa bibliográfica e da experiência vivenciada na escola, com base nos pressupostos da teoria dos nós/dos/com os cotidianos, esta pesquisa tem como objetivo mostrar a importância da adaptação e/ou criação de materiais pedagógicos e dos espaços escolares, com acessibilidade, para o desenvolvimento cognitivo e pragmático do estudante com baixa visão no universo da Educação Infantil. Acreditamos que estas práticas podem ser replicadas em qualquer escola e podem ser utilizadas com o intuito de ampliar a funcionalidade do uso da visão preservada de estudantes com baixa visão na Educação Infantil, contribuindo para o incremento das redes de conhecimentos sobre o tema, favorecendo a inclusão escolar.

Palavras-chave: Baixa Visão, Deficiência Visual, Educação Inclusiva, Educação Infantil

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a etapa da Educação Básica onde a criança vai construir os alicerces de sua trajetória educacional. Vai compreender as funcionalidades e potencialidades de seu corpo, vai organizar seu aparato cognitivo e pragmático e vai construir as primeiras relações sociais fora de seu ambiente familiar. É preciso fomentar

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá, Professora do Instituto Benjamin Constant - RJ, elianalafigueiredo@ibc.gov.br;

² Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense, Professora do Instituto Benjamin Constant – RJ, gabriellecamacho@ibc.gov.br

³ Doutoranda do Curso de Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Professora do Instituto Benjamin Constant – RJ, patriciarosa@ibc.gov.br;

⁴ Doutor pelo Curso de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Professor do Instituto Benjamin Constant - RJ, joaoricardofigueiredo@ibc.gov.br;

seu protagonismo, uma aprendizagem que seja significativa e que leve-a a construir sua autonomia.

A criança com deficiência, em nosso caso, com deficiência visual, precisa estar neste espaço escolar e ter suas necessidades compreendidas e atendidas. Se a Educação Infantil favorece os primeiros passos para o desenvolvimento educacional de nossos estudantes, como fazer com crianças que apresentam outras necessidades?

Para este trabalho, vamos nos concentrar nos estudantes com baixa visão, o que já é um grupo heterogêneo dentro da realidade de pessoas com deficiência visual.

Os avanços das ciências e das tecnologias, estão permitindo que diversas pessoas deixem o universo da cegueira e consigam, de certa forma, manter um pouco de visão. A existência de algum resíduo visual influencia muito no desenvolvimento do sujeito, que passa a viver em uma condição diferenciada, entre a cegueira e a visão dentro dos padrões de normalidade. O que estamos tentando dizer é que em alguns momentos estas pessoas comportam-se como cegos, em outros como videntes⁵ (Figueiredo, 2022). Neste contexto, processos cognitivos e pragmáticos, construídos a partir das experiências e do uso, conforme os preceitos da Linguística Cognitiva (Lakoff e Johnson, 1980); (Ferrari, 2011; 2016 e 2021) provavelmente serão influenciados pelo sujeito com deficiência da visão.

Assim, qualquer especificidade no aparato visual vai influenciar o modo como os estudantes percebem o mundo (Martin e Bueno, 2003); (Monteiro, 2009); (Figueiredo, 2014); (Figueiredo, 2022). Sem o sentido da visão, ou com o mesmo prejudicado, a maneira pela qual a criança compreende o que está ao seu redor é diferente da pessoa que tem a visão em perfeita condição. A conceptualização da realidade vai ocorrer de forma distinta. A pessoa com baixa visão, acaba desenvolvendo-se, cognitivamente e linguisticamente, por intermédio dos sentidos remanescentes.

Estes sentidos, ou seja, a cinestesia corporal, o tato, a audição, o olfato e a visão preservada (Figueiredo, 2022), vão precisar de diferentes estímulos para constituírem as relações cognitivas significativas das crianças com baixa visão (Martin e Bueno, 2003). Como então propiciar tal processo na Educação Infantil?

Para desbravarmos considerações sobre os questionamentos aqui levantados, nos deteremos em experiências vivenciadas na Educação Infantil do Instituto Benjamin Constant, IBC, Centro de Referência na Temática da Deficiência Visual, no Rio de Janeiro, onde atuamos como docentes e integrantes do Grupo de Pesquisa O Cotidiano da

⁵ Termo utilizado para se referir a pessoas com visão dentro dos padrões de normalidade.

Baixa Visão. Em uma abordagem baseada nos pressupostos dos nos/dos/com os cotidianos (Oliveira e Alves, 2008) e no campo de estudos do cotidiano (Certau, 1994) apresentamos experiências que estão constituídas nas redes de conhecimentos de nossa realidade institucional, que podem viabilizar um melhor desenvolvimento de estudantes com baixa visão na Educação Infantil, demonstrando a importância da adaptação e/ou criação de materiais pedagógicos e dos espaços escolares, com acessibilidade.

Antes, contudo, devemos adentrar rapidamente no universo da baixa visão, para melhor compreendermos este estudante e assim, compreendermos como atender suas necessidades específicas.

A CRIANÇA COM BAIXA VISÃO

O conceito de baixa visão surgiu após a Segunda Guerra Mundial, ancorado nos movimentos que levaram ao desenvolvimento da reabilitação. O soldado que retornava com deficiência física, após a Guerra, passava por reabilitação, o que também contemplava o sentido da visão; era necessário reabilitar as funções visuais, dando-lhe, por meio de recursos específicos, a oportunidade de voltar a ler e escrever, utilizando-se de seu resíduo visual. As escolas passaram, então, a compreender que o mesmo poderia ser feito com estudantes que eram, até este momento, vistos como cegos, mas na verdade, percebiam as informações de forma visual, mesmo que com dificuldade. Brown, 2007).

Pesquisadores como Bruno (1999) compreenderam que o indivíduo nasce com estruturas que interagem com o meio e gradativamente se constituem em ação. Segundo a autora (Bruno, 1999, p. 11), “o bebê nasce filogeneticamente programado, com estruturas reflexas que a partir da integração com o meio do exercício e da função, vão gradativamente se transformando em ação”. Ou seja, é fundamental favorecer esta transformação, principalmente se existirem adaptações que possam melhor estimular o desenvolvimento da criança. Isto fica evidente com as considerações de Vianna e Rodrigues (2008):

O sentido visual estimula a criança à ação motora – a agir através da experimentação, na busca de satisfazer seus extintos, necessidades e desejos. Quando ocorre uma lesão ou impedimento desta função sensorial, o mundo da criança fica restrito, diminuindo suas possibilidades de trocas com o meio, causando, com frequência, transtornos em seu desenvolvimento. (Vianna e Rodrigues, 2008, p. 204)

Durante o período de desenvolvimento das funções visuais, aproximadamente até os sete anos de idade, podendo variar com as experiências a que a criança é submetida (Bruno, 1993), ela é levada a buscar o seu desenvolvimento integral. Uma criança com baixa visão precisa aprender a desenvolver, com eficiência, o seu sentido visual a fim de ter condições de adquirir o máximo de autonomia possível e atingir a fase adulta de forma satisfatória (Martin e Bueno, 2003); (Masini, 2007); (Vianna e Rodrigues, 2008) e (Sampaio *et al*, 2010). Este estudante precisa que a escola favoreça sua autonomia e seu protagonismo, ensinando-o a usar sua visão para planejamento e execução de tarefas (Figueiredo, 2022).

Camacho (2019) nos chama a atenção para o profissional do atendimento educacional especializado. Para a autora, o profissional do AEE deve possibilitar à criança com deficiência o acesso e participação nos espaços e atividades que estão relacionados com a sua idade, enfatizando aí a relevância deste atendimento na Educação Infantil. Ela continua:

Só que, para isso, o professor tem que conhecer a criança através de um estudo caso identificando suas necessidades e habilidades. A família tem um papel muito importante nessa etapa e direciona-la em como estimular seu filho, também é necessário para uma continuidade no trabalho, em casa. (Camacho, 2019, p. 32)

Cabe esclarecer que o Atendimento Educacional Especializado, AEE, está previsto na legislação brasileira e foi regulamentado pelo Decreto Lei nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 (Brasil, 2011). O decreto preconiza um sistema educacional inclusivo, o aprendizado ao longo da vida, a oferta de apoio necessário, no âmbito dos sistemas educacionais e individualmente, a oferta de educação especial, preferencialmente, na rede regular de ensino e apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

O AEE tem o papel de favorecer e promover o processo de inclusão dos estudantes com deficiência, fomentando a transformação do ambiente escolar, em qualquer etapa educacional, mas para isto, é necessário atender às especificidades dos estudantes, compreender como a criança com baixa visão enxerga, pensar e colocar em prática diferentes estratégias e rotinas que favoreçam seu crescimento, desenvolvimento, aprendizado e autonomia.

A deficiência visual pode ocorrer em diferentes momentos vida. Neste caso a deficiência é adquirida. Contudo existem aqueles que nascem com a deficiência. Para estes, o processo de desenvolvimento enquanto ser com deficiência os acompanha desde

o nascimento, transpondo experiências que acontecem primeiro no núcleo familiar e depois na escola.

Para Santos (2018) a chegada de um filho com deficiência visual é um momento de muita dificuldade para os pais e para a família, com sentimentos diversos, inclusive de desamparo. A autora ressalta a falta ou dificuldade de atendimento especializado, apoio médico e psicológico. A autora explora a jornada e peregrinação das famílias com crianças com deficiência visual

Com o passar do tempo, único para a trajetória de cada núcleo familiar, a pessoa com deficiência visual vai conquistando seu espaço, incluindo-se em seu meio social, levando consigo as marcas de todo o processo de luto, desafios e conquistas familiar que vivenciou, capazes de influenciar drasticamente em seu desenvolvimento.

Ao chegar ao espaço escolar, a criança, deverá ter a oportunidade de desenvolver-se de forma integral. Daí a motivação para este texto, demonstrando possibilidades que favoreçam tal processo na Educação Infantil, ancorados no cotidiano e fazendo junto na Educação Infantil do IBC.

METODOLOGIA

Esta abordagem está orientada para evidenciar aspectos rotineiros e vivências ocultas com estudantes com baixa visão no ambiente da Educação Infantil, com suas “invenções cotidianas” (Certeau, 1994), armazenadas nas redes de conhecimentos existentes neste ambiente. A perspectiva aqui apresentada é de valorização do interesse pelas “questões do dia-a-dia, pelas questões mais rotineiras que compõem os - acontecimentos diários, a partir de um olhar especializado para as crianças com baixa visão.

Considera-se, nesta perspectiva, a relevância do cotidiano da escola, das narrativas e vivências dos atores envolvidos, como nos aponta (Oliveira e Alves, 2008). Assim, com o suporte de literatura especializada e mergulhados nas redes de conhecimentos específicas sobre o assunto, consideramos três pontos para discussão: a) percepção visual; b) contrastes; c) orientação espacial.

Para o item de percepção visual, Figueiredo (2022) evidencia como estudantes que tem alteração na transparência do globo ocular e os que possuem alterações no campo visual enxergam.

Alterações na transparência do globo ocular afetam diretamente a nitidez das imagens. A percepção visual fica comprometida e a pessoa enxerga como se estivesse mergulhada em uma névoa, com maior ou menor intensidade, dependendo do grau do comprometimento. Estudantes nesta perspectiva terão dificuldade em perceber detalhes, expressões faciais, a relação entre figura e fundo e a diferenciação entre cores próximas.

O segundo ponto que nos chama a atenção é justamente os contrastes. Estes podem ser percebidos somente em frequências de cores mais elevadas, como o branco no preto, o azul escuro no branco, o amarelo no preto. Frequências mais baixas como o azul e o amarelo, o branco e o amarelo e o azul e o verde, podem passar despercebidos pelo estudante com baixa visão.

A orientação espacial está relacionada com a percepção do sujeito no espaço e sua localização. Esta é uma questão muito particular para as pessoas com deficiência da visão, pois a criança está em processo de compreender seu corpo, sua potencialidade corporal e sua localização no espaço. A deficiência visual faz com que este processo necessite de maior atenção, pois com a visão prejudicada, informações que seriam percebidas normalmente pela visão, podem passar despercebidas ou até terem de ser evidenciadas com o auxílio dos sentidos remanescentes.

A seguir, estes aspectos são brevemente discutidos, levando-se em consideração o cotidiano da Educação Infantil.

RESULTADOS E DICUSSÃO

No cotidiano da educação Infantil, diariamente os profissionais, os estudantes e as famílias constituem a tessitura de um fazer transformador. Ao nos depararmos com a realidade do atendimento especializado voltado para a deficiência visual é fundamental atentarmos para a necessidade dos estudantes. Necessidade de crescimento, aprendizado, desenvolvimento.

Atividades que desenvolvam o olhar, utilizando a visão residual, fazem parte deste cotidiano. Com traçados mais espessos, desenhos com menos detalhes, a experiência com elementos em três dimensões, que possam ser manipulados e a motivação para o uso da visão, favorecem o crescimento. É importante o desenvolvimento da consciência visual para que o estudante, desde novo, possa compreender a importância e o resultado de usar sua visão. É desde cedo que se adquire fortalece a funcionalidade da visão. Se esta pessoa

não aprende a utilizar e não compreende a importância deste uso, acaba comportando-se como cego, deixando de aproveitar ao máximo seu resíduo de visão.

FIGURA 1

Peixe em miniatura



A miniatura do peixe permite que o estudante manipule, veja os detalhes, explore e tenha autonomia para descobrir informações que talvez não conseguisse visualizar em um desenho ou em um aquário.

A percepção dos diferentes contrastes está relacionada com a compreensão do que se está vendo. Habituá-lo ou aprender a perceber diferentes faixas de contraste favorece a discriminação das imagens. Atividades com alto contraste e outras com contrastes mais baixos, devem ser apresentadas no decorrer da Educação Infantil, para justamente favorecer esta trajetória de aprendizado.

FIGURA 2

Apresentação do Clima



A figura 2 demonstra dois elementos utilizados para indicar o clima. Observamos que no “chuvoso” as letras estão com bordas com alto contraste, processo que foi iniciado no “ensolarado”. Os dois materiais são com cores fortes e bem definidas, favorecendo a percepção pelos estudantes com baixa visão.

O espaço tem fundamental importância. Ele precisa ser favorável para o desenvolvimento, seguro e proporcionar autonomia para as crianças. S. Thiago (2000) nos lembra da importância deste espaço.

É preciso oferecer espaços com propostas diferenciadas, situações diversificadas, que ampliem as possibilidades de exploração e “pesquisa” infantis. As crianças realmente ampliam a capacidade de exercer a autonomia, a liberdade, a iniciativa, a livre escolha, quando o espaço está adequadamente organizado. (S. Thiago (2000, p. 58)

As crianças com baixa visão devem-se valer destas condições para seu crescimento e desenvolvimento. Contudo, é necessário observarmos suas especificidades, garantindo segurança e o desenvolvimento de suas funções visuais e corporais.

O ambiente de favorecer o reconhecimento dos contrastes de diferentes formas, de vários objetos e de texturas distintas. Objetos, texturas e formas que identifiquem espaços devem ser mantidos no mesmo local para que a criança tenha seu reconhecimento facilitado por “pistas” sensoriais distintas. Um personagem, pendurado na maçaneta da porta, por exemplo, pode indicar a sua sala de aula; textura que se assemelha ao gramado, colocada na parede, pode indicar o caminho da área externa entre outros diversos arranjos que podem e devem ser criados no cotidiano da Educação Infantil para que o espaço seja acessível, agradável e que promova autonomia.

Assim, percorremos, rapidamente, o universo constituído pelas redes de conhecimentos da Educação Infantil, no atendimento especializado para estudantes com baixa visão. Diariamente este cotidiano é transformado e construído com a participação de todos que fazem parte deste universo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho apresentamos relacionadas a estudantes com baixa visão na Educação Infantil.

A baixa visão apresenta peculiaridades que necessitam de atenção especializada, onde o cotidiano apresentado neste texto constituiu práticas e fazeres registrados em suas redes de conhecimentos. Os atores da Educação Infantil estão diretamente relacionados a este processo, construindo diariamente fazeres e possibilidades.

É fundamental buscar compreender a visão dos estudantes com baixa visão, favorecendo sua discriminação visual e propiciando seu aprendizado.

A etapa aqui em estudo deve levar o sujeito a ter autonomia em seu fazer. O espaço da Educação Infantil precisa favorecer tal processo, inclusive para os estudantes com baixa visão.

Este texto não tem a intenção de esgotar o assunto, mas de fomentar e instigar o leitor para construir, diferentes materiais e elaborar organizações espaciais que favoreçam o crescimento, desenvolvimento e autonomia de estudantes com baixa visão. Isto é o que temos feito no Grupo de Pesquisa O Cotidiano da Baixa Visão, no Instituto Benjamin Constant, fomentando o enriquecimento de ideias, estratégias e ações que possam ser absorvidas nas redes de conhecimentos sobre o assuntos, transformando o fazer cotidiano e construindo assim o atendimento especializado para estudantes com baixa visão na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm Acesso em 10/05/2024.

BRUNO, M. M. Garcia. **O Significado da Deficiência Visual na Vida Cotidiana: análise das representações dos pais-estudantes-professores**. 1999. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande MS, Faculdade Católica Dom Bosco, 1999,

BRUNO. **O Desenvolvimento Integral do Portador de Deficiência Visual: da intervenção precoce à integração escolar.** São Paulo: Laramara, 1993.

CERTAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano 1: arte de fazer.** Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 1994.

FERRARI, Lilian. **Palavra, gesto e imagem na perspectiva da linguística cognitiva.** São Paulo: Drops Editora, 2021.

FERRAI, Lilian; ALVARO, Patrícia Teles. **Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente.** Rio de Janeiro: Brasil Multicultural, 2016.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FIGUEIREDO, E. L. A. **A construção de materiais especializados no cotidiano de estudantes de baixa visão nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2022. 134f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/4689230/eliana-leite-assis-figueiredo-1.pdf> Acesso em 15/07/2024.

FIGUEIREDO, J. R. M. **O Presente pelo passado: variação verbal em narrativas de deficientes visuais.** Rio de Janeiro: IBC, 2014. Disponível em: https://www.gov.br/ibc/pt-br/pesquisa-e-tecnologia/publicacoes-do-ibc-1/livros_pdf/anexos/livro-o-presente-pelo-passado-final.pdf Acesso em 15/07/2024.

FIGUEIREDO, J. R. M. **O Presente pelo passado: variação verbal em narrativas de deficientes visuais.** 2012. 165f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Acessado em: <https://ppglinguistica.letras.ufrj.br/document/o-presente-pelo-passado-variacao-verbal-em-narrativas-de-deficientes-visuais/> Acesso em 15/07/2024.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MARTIN, M. B. e BUENO, S. T. **Deficiência Visual: aspectos psicoevolutivos e educativos.** São Paulo: Livraria Santos, 2003.

MASINI, Elcie. F. Salzano. **A Pessoa com Deficiência Visual: um livro para educadores.** São Paulo: Vetor, 2007.

MONTEIRO, Lúcia M. F. da S. **O Corpo como Agente de Cognição de Crianças Cegas: Uma Questão de Experiência.** Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Psicologia, 2009. 210 fl. Tese de Doutorado.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP Et Alii Editora, 2008.

SAMPAIO, M. W. *et al.* **Baixa Visão e Cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2010.

SANTOS, A. M. A. da S. **A Construção da Intersubjetividade no Desenvolvimento da Criança Cega Congênita: possibilidades, impasses e alternativas ao primado da visão**. 2018. 98f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/4446/3/Dissertacao%20Andrea%20Mazzaro%20completa%20bloqueada.pdf> Acesso em 15/07/2024.

SOARES, G. de O. C. **Orientações Pedagógicas para o Atendimento Educacional Especializado de Crianças com Deficiência Visual de 0 a 3 Anos: um guia para professores**. 2019. 100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7946487 Acesso em 15/07/2024.

VIANNA, P. M. da M.; RODRIGUES, M. R. C. **Psicologia do Desenvolvimento e da Linguagem do Deficiente Visual**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2008.